

# Erradicação da doença chega a 110 anos

Em 16 de outubro de 1911, um ofício escrito por Oswaldo Cruz e destinado ao então governador do Estado do Pará atestava a erradicação da febre amarela em Belém. Saiba como se deu este fato histórico

## FEBRE AMARELA EM BELÉM

Cintia Magno

O cenário era o de ocorrência de grandes epidemias urbanas de febre amarela em Belém, quando, em 1910, o médico e pesquisador Oswaldo Cruz foi contratado para iniciar uma campanha sanitária na capital paraense. Sem que, à época, existisse uma vacina que protegesse contra a doença infecciosa que apresentava um índice elevado de óbitos, o médico implantou em Belém o mesmo modelo já adotado anteriormente no Rio de Janeiro e, mais uma vez, obteve sucesso. Em 16 de outubro de 1911, um ofício escrito por Oswaldo Cruz e destinado ao então governador do Estado do Pará atestava a erradicação da febre amarela em Belém. Mais do que recordar um feito histórico que, neste ano, completa 110 anos, a campanha sanitária diz muito sobre como, ao longo do tempo, a adoção de políticas públicas centradas no conhecimento científico já contribuiu para a erradicação de doenças.

Referência internacional pela atuação à frente do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), à época do convite para a implantação da campanha sanitária em Belém, o médico Oswaldo Cruz ainda recebia o reconhecimento pela campanha adotada no Rio de Janeiro para combater a febre amarela. A diferença entre as duas campanhas se deu ao fato de que, na época das ações no Rio de Janeiro, a ideia de que a febre amarela não se transmitia de pessoa para pessoa e, sim, através de um mosquito ainda não era consenso nem mesmo entre os pesquisadores. Depois de obter sucesso no Sudeste do país mesmo em meio a desconfianças quanto ao modelo, a vinda a Belém para adotar as mesmas medidas já se fez em meio ao reconhecimento do sucesso da metodologia, o que contribuiu para que, na capital do Estado do Pará, o pesquisador recebesse todo o apoio necessário para que as medidas pudessem ser implantadas.

A historiadora e pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, instituto de memória da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Ana Luce Girão Soares de Lima, aponta que o apoio à campanha impetrada em Belém é relatado pelo próprio Oswaldo Cruz em documentos e cartas enviadas ao também médico e amigo pessoal Egídio Salles Guerra. Tal material consta na biografia de Oswaldo Cruz, escrita pelo próprio Salles Guerra. “Quando ele vai para o Pará, a ideia de que a febre amarela se transmitia através de um mosquito já é uma coisa dada, então, ele consegue no Pará facilidades que ele não conseguiu aqui no Rio, que era a capital, por conta de, na época da campanha do Rio, ainda ser uma ideia nova e não totalmente consolidada”, aponta. “Ele próprio fala em uma carta que, no Pará, ele teve todas as facilidades, desde ficar hospedado no lugar que era um ponto central da cidade, a acesso a equipamentos e homens. Ele pediu 200 guardas sanitários e relata que foi um tour de force porque as pessoas não tinham treinamento, então



### EM IMAGENS

1 **Guarda sanitário** em frente a imóvel coberto com pano americano para realizar fumigação e combater focos de mosquito 2 **Oswaldo Cruz** 3 **Notícia** na imprensa sobre a viagem de Oswaldo Cruz para realizar campanha sanitária em Belém. A Imprensa, 28 out. 1910 FOTOS: ARQUIVO PESSOAL OSWALDO CRUZ / ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ/FIOCRUZ



ele teve que treinar esses guardas, mandar fazer uniformes para todo mundo”.

A campanha que levou Oswaldo Cruz a ir a Belém foi uma iniciativa do governador do Pará à época, João Coelho, que o contratou para estabelecer essa grande ação de saneamento em busca do combate à febre amarela. Para tal, foi estabelecido um contrato com a duração de um ano e no final do mês de outubro de 1910, Oswaldo Cruz embarcou com uma equipe formada por 87 pessoas com destino à capital do Pará. Como não poderia permanecer durante todo o tempo em Belém, Oswaldo Cruz nomeou como subchefe da campanha o médico João Pedroso. Já em Belém ele contratou mais três pesquisadores e 200 guardas sanitários.

### MÉTODO

Toda essa equipe seria necessária para a adoção da mesma metodologia utilizada na campanha do Rio de Janeiro. Apesar do reconhecimento do sucesso obtido por Oswaldo Cruz com o método, tal modelo não foi inventado por ele, mas sim pelo médico epidemiologista cubano Carlos Juan Finlay. O médico cubano adotou o modelo pela primeira vez ainda no final do século XIX, em Havana, e obteve sucesso. Antenado aos acontecimentos, Oswaldo Cruz adotou o mesmo modelo – que era centrado em métodos militares de combate, com brigadas de mata-mosquito – no Rio de Janeiro e em Belém.

“A partir do que chamam de ‘polícia de focos’, eles vão combater os focos de larvas naquelas ações de limpar os telhados, inspecionar para ver onde poderia haver acúmulo de água e criadouro das larvas de mosquito. Então, eles primeiro acabavam com os criadouros e, ao mesmo tempo, iam atacando os mosquitos adultos”, explica Ana Luce Girão ao lembrar que alguns registros fotográficos ilustram a prática dos guardas sanitários que subiam nas casas para cobri-las com uma tela para que, dentro do imóvel, pudessem queimar piretro e enxofre, meio de expurgar os mosquitos adultos.

Para que isso fosse possível, outras medidas eram previstas pelo modelo, como a notificação obrigatória dos casos de febre amarela para que os agentes pudessem identificar os focos da atuação dos mosquitos e ainda o isolamento dos pacientes com telas como forma de impedir que os mosquitos chegassem às pessoas que estavam doentes, já que se a pessoa doente fosse picada pelo mosquito – à época conhecido como Stegomyia fasciata, mas posteriormente rebatizado Ae-

des aegypti – esse mosquito iria transmitir a febre amarela para uma pessoa também.

### RECEPÇÃO

Percorrendo a área urbana de Belém com essas medidas, Oswaldo Cruz aponta uma boa recepção não apenas por parte do Governo da época, mas também por parte da própria população. “Ele diz que a população é muito simpática a essa ação de saneamento. Eles precisavam entrar nas casas e expurgar onde havia focos de mosquito e a população recebe bem as equipes e coopera”, lembra a pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz. “Ele faz, também no Pará, uma coisa que ele fez no Rio de Janeiro, que é usar a imprensa para se dirigir à popu-

lação. Então, através da imprensa, ele comunica quais são as ações necessárias e explica de que maneira a população também pode cooperar e ele relata que encontra esse espírito de cooperação em Belém”.

Em pouco tempo foi possível observar o sucesso da campanha. Ana Luce Girão aponta que os documentos relatam a chegada de Oswaldo Cruz a Belém no dia 11 de novembro de 1910 e no dia 12 ele já inicia a campanha. “Em novembro ele registra 96 casos confirmados e 49 óbitos por febre amarela em Belém. Depois, em dezembro, tem 85 casos confirmados e 37 óbitos e esse número vai diminuindo rapidamente até que

em maio de 1911 ele só registra um caso confirmado e nenhum óbito”.

O quadro feito pela equipe da campanha se encerra neste mês, já que, após esse período, não se registra mais nenhum caso de febre amarela na cidade. “A partir daí eles continuam monitorando para ver se vai ter algum novo caso, mas já começam o ataque dos focos. Os guardas sanitários se espalham pela cidade para tentar inspecionar onde é que tem foco de mosquito ou de larva e a fazer o expurgo – palavra que Oswaldo Cruz usa – desses possíveis focos. Aí, sim, antes de outubro ele considera a cidade de Belém livre de febre amarela”.

Dentre os documentos oficiais que ajudam a contar esse feito está um ofício de Oswaldo Cruz ao então governador do Estado do Pará, João Coelho, comunicando a erradicação da febre amarela em Belém. Com data do dia 16 outubro de 1911, o documento traz logo na primeira linha a frase: “Está erradicada a febre amarela de Belém”. Em agradecimento ao sucesso da campanha de saneamento, um banquete é realizado em homenagem a Oswaldo Cruz no Theatro da Paz. “É um evento importante e isso tem uma repercussão não só em Belém, mas no Brasil porque se tratava de mais um caso de sucesso de uma política bem-sucedida em uma doença que é gravíssima e que, naquele momento, não existia vacina contra a febre amarela, então a única forma de se defender disso era fazendo esse tipo de profilaxia, tanto que é criado logo imediatamente, pelo Governador do Pará, o Serviço de Profilaxia da febre amarela”, explica a historiadora Ana Luce Girão.

As campanhas bem-sucedidas, tanto no Rio de Janeiro, quanto em Belém, fortaleceram o reconhecimento internacional de Oswaldo Cruz. Os resultados da campanha no Rio de Janeiro foram apresentados em um congresso de higiene e demografia realizado em 1907 em Berlim, na Alemanha. Já em 1911 ele participa de novo congresso na Alemanha, desta vez na cidade de Dresden, onde, além do material referente à recém-descoberta doença de Chagas, ele também apresenta os resultados da campanha de profilaxia da febre amarela em Belém.

### SAIBA MAIS

● **EVANDRO CHAGAS** - As pesquisas envolvendo a febre amarela seguem ao longo de todos esses anos. A pesquisadora da seção de Arbovirologia e Febres Hemorrágicas do Instituto Evandro Chagas, Livia Caricio Martins, aponta que vários estudos foram conduzidos no sentido de descrever o ciclo de transmissão, de entender como a patogênese da doença acontece, se tinha alguma questão relacionada à cepa viral ou questões relacionadas ao próprio indivíduo, além de estudos de sequenciamento do vírus que têm sido utilizados para se identificar qual é o caminho que esse vírus silvestre está fazendo dentro do país. “É um trabalho constante de monitoramento até porque esse é um arbovírus desafiador e a gente, de tempos em tempos, observa o ressurgimento da doença. Temos períodos de baixa ocorrência, mas, na nossa região, por ser uma região endêmica, a gente sempre tem notificação de casos silvestres, claro que não como uma epidemia, mas são casos que ocorrem apesar de a gente ter uma vacina”.

● **CARTA** - Tem um trecho de uma carta de Oswaldo Cruz para o médico e amigo Egídio Salles Guerra sobre os trabalhos em Belém. “A febre amarela graça aqui com desusada intensidade e o tempo não nos chega para atender as notificações. Só ontem os colegas notificaram 21 casos e, destes, cinco em um só domicílio. Imaginem que dobradura vivemos. Passo o dia encarapitado no automóvel a percorrer a cidade animando as tropas. Os expurgos se fazem em proporções fantásticas e certas zonas há em que só se respira enxofre. Organizamos todo o serviço dentro de sete dias, contratando para mais de duzentos jovens inteiramente inexperientes, tendo que confeccionar todo o material, inclusive os uniformes do pessoal. Foi um verdadeiro tour de force, mas é preciso despendar toda essa atividade para corresponder às gentilezas do governo e do povo, que nos tratam como semideuses”.

## Belém não registra casos urbanos

Passados 110 anos da exitosa campanha de Oswaldo Cruz em Belém, a capital ainda hoje não registra novos casos urbanos de febre amarela. Fortalecido pela chegada da vacina contra a febre amarela, já em 1937, o controle da doença na zona urbana é uma realidade. Coordenadora de Endemias da Secretaria de Estado de Saúde Pública do Pará (Sespa), Adriana Tapajós aponta que não se tem registros de febre amarela urbana pelo menos desde 1942. O que ocorre, hoje, no Pará, são casos silvestres da doença, concentrados na zona rural. “Na nossa região amazônica, em especial, ela ainda é considerada endêmica principalmente na zona rural, mas os casos esporádicos que a gente vem tendo no Brasil são de febre amarela silvestre”, reforça. “São aqueles indivíduos que se adentram na mata para fazer algum tipo de atividade, seja agrícola, de pesca, caça ou até mesmo de lazer e acabam tendo contato com o vetor na mata, então, por isso que chamamos de febre amarela silvestre”. Adriana explica que, na febre amarela silvestre, o mosquito que transmite, é diferente do da zona urbana. O da zona urbana acaba sendo o Aedes aegypti, conhecido por transmitir também a dengue, a zika e a chikungunya. Já na região silvestre, a febre amarela é transmitida por outros mosquitos. “No estado do Pará, o perfil epidemiológico que a gente vem apresentando nos últimos anos é de um surto no Estado em 2017, quando tivemos 11 casos de febre amarela nas Regiões do Baixo Amazonas e Tapajós, todos por transmissão de febre amarela silvestre. Já nos anos de 2018, 2019 e 2020 não tivemos casos e, em 2021, já tivemos dois casos confirmados de febre amarela silvestre”, explica Adriana. “Em Belém, por ser um município urbano, a gente não tem histórico nem mesmo de casos suspeitos”.